

Entre a língua e lalíngua, a letra♦

Marcus André Vieira

Referência

Vieira, M. A. Entre a língua e lalíngua, a letra. El Psicoanálisis: Revista de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis del Campo Freudiano, n. 48. Buenos Aires, 2026.

I

Em o *Aturdito*, Lacan retoma e parodia o título de seu texto inaugural. Em vez de *Função e Campo* da fala e da linguagem na psicanálise, *Ficção e Canto*. Ele retoma a prevalência da fala em nossa prática, mas, com esta paródia, opõe o modo de presença e ação propriamente analítico da fala (do discurso ou mesmo da palavra, possíveis traduções do francês *parole*) a estes dois outros modos.

Ele traz, inclusive, uma cena que dramatiza os lugares e funções da ficção e do canto, a sala de plantão de Saint Anne, o hospital em que foi residente e psiquiatra, onde seu seminário começou e esteve localizado em sua primeira década. Lacan afirma, então, que eles teriam feito melhor cruzar o hospital para irem assistir seu seminário em vez de ficarem perdidos naquele lugar que não era nada demais, só era uma zona [*foutoir*] por conta da cantoria.¹

Como tudo é muito preciso com Lacan, vale levar a sério sua provocação, não no sentido de seriedade, mas no de dar consequências à brincadeira. Digo, já, então, onde quero chegar: a partir do último ensino de Lacan, mais especificamente do modo de tomar a língua encarnado no neologismo *lalíngua*, muito do modo como lidamos com o vasto campo da fala e da linguagem em uma análise precisa ser ressituaado.

Entendo que a brincadeira com a ficção e o canto serve a isso. É como se tudo o que dissesse mais diretamente respeito ao sentido, ao que há de comum na linguagem, encarnado aqui pela ficção e pelo canto, se afastasse do que ocorre na análise. Digo, porém, *ressituar*, não descartar. Não se trata de opor o Lacan do sentido ao do fora do sentido. Lacan nunca deixa de lidar com o real da singularidade acessado e posto a trabalho em uma análise pela fala e apenas por ela. Esta é a orientação fundamental do ato analítico desde *Função e Campo* e atravessa todo ensino de Lacan. Há, porém, diferença, qual?²

Antes de buscar qualquer resposta, é necessário afastar a tentação do primitivismo. Difícil falar em *lalíngua* e resistir à tentação de opor a ela a *língua* como se gosta de opor o corporal ao cerebral, o oral ao escrito ou ainda o materno ao paterno, mas é mais que necessário. Opor uma pré-história lúdica a uma perda inaugural, por exemplo, tende a nos jogar nos braços de um ideal de liberdade que embute toda uma normatividade na clínica. Afinal, quem não diria que é melhor ser travesso ou criativo que desorientado com o absurdo da vida como todos nós? Para combater esse tipo de deriva Lacan

♦ Texto redigido com base em duas apresentações: para uma preparatória do XII ENAPOL – Falar com a criança - <https://enapol.com/xii/nossa-alfabetizacao1/> e para uma preparatória de outro evento: XXVI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, que acontecerá nos dias 27, 28 e 29 de novembro de 2026, em Florianópolis – SC <https://encontrobrasileiroebp2026.com.br/>.

destacou a criação *ex-nihilo*, do nada, como a maneira mais apropriada para o analista que lida com o as miragens do que teria sido. É o que resume a tirada lacaniana: “Nada melhor que a referência ao primitivo para primitivizar o pensamento”.^{3 4}

II

Para uma primeira abordagem, agora, na busca de materializar *lalíngua* na experiência concreta, refiro-me a J. C. Milner que, seguindo Miller, propõe uma distinção intuitiva a partir da especificidade da língua materna.⁵ Ele sugere que só a língua materna é habitada por *lalíngua*, porque ela é única a que chegamos a partir de nossos balbucios. Todas as outras serão apreendidas a partir de uma língua, a materna. Por isso, para mim, o português tem algo a mais que nenhuma outra língua tem. Dito de outro modo, *lalíngua é isso que se perde quando falamos outra língua*.

Vale a lembrança da novela *A verdadeira vida de Sebastian Knight*, de Nabokov. O protagonista – assim como o autor - viveu na Rússia até seus quarenta anos e depois migrou para a Inglaterra. Nabokov resume esta virada que bem podia ser a fórmula do migrante de modo mais geral:

Pobre Knight, sua vida se dividiu em duas partes. Na primeira, era um sujeito sem graça acabando com o inglês e na segunda, era um sujeito acabado falando um inglês sem graça.⁶

Vejamos que não há nem relação opositiva, excludente entre língua e *lalíngua*, nem tampouco, uma relação dialética, que configura a extimidade do objeto na fantasia, ou no batimento do inconsciente, na alienação e separação do *Seminário 11*. Estamos mais próximos da radicalidade da forclusão que da oscilação do recalque. Voltaremos à isso. Creio que para avançar com relação às mudanças com relação ao par sentido e fora do sentido a partir do surgimento de *lalíngua* no ensino de Lacan, será preciso partir de uma mudança concomitante em seu ensino com relação ao que entendemos por *escrita* e por *letra*.

III

Estamos às voltas com a escrita desde o início. Por tomarmos a fala analisante como texto é que podemos “ouvir” um ato falho que, de fato, lemos. É o que os corretores ortográficos de nossos celulares não nos deixam esquecer, quando trocam, por exemplo, “Que deus te ilumine” por “Que Deus te elimine”. Alguns fonemas mudam tudo e abrem a possibilidade de um gozo até então insuspeitado. É o que define J. A. Miller ao afirmar que só há interpretação caso se opere uma “transmutação da fala em escrita”.⁷

O protagonismo de *lalíngua*, supõe, porém, um novo modo de conceber a escrita que está diretamente relacionado a um deslocamento na função do Outro, entendido como a alteridade cultural em que será mergulhado o *falasser*. Quero encarnar esse Outro de *lalíngua* em uma cena de escrita.

Lacan opõe, à sala de plantão, a capela onde ocorria seu seminário. Vou substituir ambas por outras duas. A primeira será o jardim de infância, especificamente em um momento de contação de história e de roda de ciranda. É o momento em que a ficção e o canto são ferramentas para a experiência do Outro do sentido e do universal da comunhão.

A eles oponho outra cena de sala de aula, a da alfabetização. Aqui vamos encontrar outro Outro, bem menos consistente do que se imagina. Não será, porém, a alfabetização com

o método fônico, clássico, discurso do mestre, mas em uma perspectiva construtivista. É outro modo de *Falar com a criança*, derivado de Paulo Freire, encarnado no fragmento abaixo:⁸

<p>M. pergunta a L. se ela quer escrever “mala” e ela responde “não”, mas logo em seguida desenha a letra M e a letra A, que a mãe lê “ma”, que L. repete. M: Ma! O que que você vai escrever agora? L: Mala. M: Então faz um ele e um a e fica mala. L: (L. faz a letra L.) M: Mal, Você escreveu “mal”. L: Eu quero mala! M: Então faz um a. L: Como? M: O a, do telhadinho, né? L: (L. desenha a letra A) M: Mala. L: (L. desenha a letra I) M: Malái. M: Que é malái? L: Aí, oh, mala aí! (com ênfase noaí, fazendo gesto indicativo, tentando mostrar/explicar o si; em seguida, L. desenha a letra O).</p>	<p>M: Malaio. [Mala aí, ô] C: [Se fizer um bê dá balaio] (os] [indicam que a fala de C., uma outra criança de dez anos, que no momento se encontrava na cozinha sendo que M. e L. estavam na copa, foi simultânea à fala de M.) L: (L. desenha a letra a) M: Malaióai. L: (L. desenha a letra P) M: malaioáip. L: Oh! Eu escrevi tia Pi! (mostrando a letra P que acabara de desenhar) M: Não. Cê escreveu o pê, que é a letra da tia Pi, mas cê tem que fazer o i pra ficar pi. L: Qual que é o i? M: Aquela do pauzinho com o pinguinho. L: (L. desenha a letra I) M: Mallaioáipi. Oh! Você escreveu “mala aí, oh, aí, Pi!” L: Repete entusiasmada “Oh! Eu escrevi “Mala aí, oh, aí Pi”.</p>
--	--

O estatuto do Outro nessas trocas entre Malu e Lulu, o Outro da *Alfabetização*, não parece exatamente aquele do discurso do mestre.⁹ Certamente será preciso se alfabetizar, será preciso jogar o jogo do mestre, da linguagem ordenada, do discurso, mas é difícil ver, sob a perspectiva desse fragmento que o que estaria em jogo seria necessariamente uma ortopedia ao modo do trauma.

IV

Pensamos normalmente a escrita neste sentido, do trauma, como resultado de uma experiência na qual um Outro imprime, marca seu desejo em alguma superfície, o corpo da criança, por exemplo. Essa concepção de escrita não nos ajudará a lidar com a mudança encarnada por *lalíngua*, por isso o exemplo do construtivismo tem valor.¹⁰

Sigo aqui J. A. Miller em seu curso *Peças Soltas*, quando fala em “dois corpos da escrita”.¹¹ Há outro modo de escrita em uma análise que o da escrita como impressão. É a uma novo apoio na analogia com a escrita, mas uma escrita que se aborda, segundo Miller, a partir da topologia dos nós.¹² Não é o que deixa claro o final da análise? Deixamos para trás o Outro da transferência, o Outro que teria sido o agente do trauma, aquele que o analista até então encarnara. Isso só é possível porque implica em *apropriar-se de um acontecimento* que marcou o corpo “antes” desse Outro”.

O Outro do exemplo, Malu, assim como a outra criança “C.”, pode ser visto como agente da pedagogia alfabética, mas pode ser igualmente visto de outro modo. Digamos, para usar a metáfora célebre de Lacan em *Lituraterra*, trata-se de um Outro como nuvem, lugar de uma precipitação, uma chuarada que deixará ravinamentos e não impressões, marcas no corpo.

O “choque”, a “percussão” do significante sobre o corpo não são exatamente termos escolhidos por Miller para dar lugar a esse evento “sem agente”? Neste sentido, o *acontecimento de corpo*, por mais que Lacan o chame de *troumatisme*, não é um trauma em um sentido concreto. Há traço, *trou*, lacuna, mas não há agente encarnado. Por isso, Miller fala em “escrita selvagem”. Não é exatamente um acontecimento sem Outro, mas certamente a alteridade em questão não é a da fantasia.¹³

Não se trata de sonhar com um momento primitivo em que não éramos ainda submetidos à língua, mas sim que deixar de levar a sério a *língua*. Lulu pode traduzir-se na *língua*, mas sempre a partir de *lalíngua*. A língua não existe, apenas como elucubração, o que existe são os ravinamentos, as modulações sonoras, o aluvião de linguagem das gerações que nos precederam e nos constituem.

V

Para pensar como seria uma clínica da planície, será preciso, juntamente com o novo estatuto da escrita e de seu *Outro*, visitar o tema da *letra*.

Somos fruto de uma chuva contingente de desejos sobre o corpo e nem seus “donos” sabiam bem o que com eles faziam. É o que diria o traçado dessa chuva se pudesse ser lido: o sentido do desejo do Outro não será dito porque nunca existiu. A suposição de sentido, vai, porém, fazendo organizando essas cristalizações de detalhes em torno de um enigma, estabelecendo um roteiro que chamamos *fantasia*.

Essa trama só se torna legível em análise como colagem surrealista que é, sem sentido, quando o real como objeto enigma, objeto perdido, mas também objeto de gozo, objeto a, cede lugar à sua apresentação como *letra*, mas *letra litoral*.

É possível considerar a letra a partir do paradigma da perda e do resto. Ela será tomada como a parte da escrita que se perde quando se lê.¹⁴ Mas é possível tomar a letra de outra forma. Basta, como sugere Lacan em *Lituraterra*, destacar seu aspecto caligráfico e não tipográfico. Deste ponto de vista, o gesto que delinea a letra e que a inscreve permanece visível no papel. Ressalta-se como o gesto de escrita é único para cada mão e não se perde na leitura.

Neste caso, a letra interessa no que encerra e transmite desse gesto singular que a traçou. A série de traços de uma escrita passa então a permitir vislumbrar o gozo singular nela encerrado. Podemos partir do gozo que se inscreve a cada gesto de escrita e não do que dele, em cada um, falta. É talvez o que tenha feito Lacan privilegiar a referência à topologia dos nós para situar este gozo - que não se inscreve, no máximo se traça, mas que se enlaça - e para ele cunhar o termo *sinthoma*. Entendo assim porque Miller define o nó como alguma coisa que “muda o sentido da escrita”.¹⁵

De fato, quando se trata da concepção de escrita derivada do nó, não mais a da impressão, mas da chuarada e do enlace, a metáfora de Lacan para a letra será a dos detritos. Lacan recorre a outra metáfora líguida a de uma peneira.

Imagem, diz ele, a língua materna como uma chuva, suja, carregada de lama - a água do gozo do Outro - por um lado e, por outro, o corpo da criança, como uma peneira. Lalíngua corresponderia aos detritos da chuva/linguagem que ficam presos na peneira.¹⁶ Com a peneira, podemos, porém, tomar o Outro, não como quem traumatiza, marca, mas que banha e, no que banha, deixa elementos vivos, letras com os quais viveremos não mais vítimas, mas artesões de modos de ver e sentir o mundo.

VI

Entre a chuvarada e a planície, entre a peneira e a lama dos detritos, entre a caligrafia e a tipografia encontramos a mesma articulação complexa daquela entre lalíngua e a língua. Dito de outro modo, a letra e lalíngua são conceitos solidários, mas a letra é bífida, por um lado é resto da instituição da língua, dejetivo, *litter*, por outro, apenas elementos linugageiro corporal que brilha ou ressoa.

E nossa intervenção clínica? Se *lalíngua* é nossa alteridade de base, já não se tratará mais de esvaziar o Outro, torná-lo inconsistente, como quando a gramática da fantasia dá as cartas. O Outro já é inconsistente, afinal, lalíngua nada mais é que uma multiplicidade inconsistente de fixações de experiências sonoro-corporais.¹⁷

Não podemos, porém, apostar que seja possível acompanhar e facilitar montagens, bricolagens e *produções* em vez de descompletar, desconsistir ou furar? Trata-se mais de buscar os enlaces que sustentam, estabilizam alguma conexão como real.

Último exemplo:

O gande deus oxim
Eu era uma grande escritora ate o 70 anos mas um diaeu tive uma grande enxaqueca eu logo senti e fui pela primeira ves a um megico. Chegando lá eu disse doutoura chame o medico o mas rapido o possíve, ela disse
– O doutor já foi embora a duas horas atra:
– Eu peguei um onibus bem rapido. Mas no meio do caminho eu vi um cartas escrito O grande deus oxim o grande curador de enxaqueca eu deci corendo e entrei na porta do cartas. Chegando Ia dentro eu vi pela primeira vez um chinês de vês eu penci que ele iria me dar uma pjjjjjjjjjüia de remedios anti-biotios e etc mas ele disse palavras:
otim gece receo eadoua paio:
eu liquei espantada que eu linha realmente melhorado e vivo escrevendo ate oge e continuo semdo otima escritora.

Aqui, aparentemente, estamos na perda de *lalíngua* em detrimento da língua. Mas, o real como perda, falta, pode perder lugar e apresentar-se, neologicamente por exemplo, como aquilo que a miragem da alfabestização não consegue ocultar. Mas a letra pode ser igualmente passagem, de uma clínica do trauma a uma clínica das montagens entre restos sintomáticos. Não são as letras “erradas” que dão o tom deste texto e lhe conferem uma aura singular? E preciso imaginar esse pequeno texto, ainda em seu formato caligráfico. Não são essas letras fora do sentido, que ditam o que se seguirá no caminho dessa menina? *Otim gece receo eadoua paio!*

VII

Para concluir. Não sentimos que o espaço de lalíngua está sendo forçado a encolher ou desaparecer? Ele é o vão entre fala e corpo, de onde surge, por exemplo, a surpresa pela torção de nossas certezas, quando a língua, mãe de tudo o que dissemos e sentimos, é forçada a produzir o inaudito? É uma experiência no extremo oposto do que vive alguém que precisa se cortar para abrir uma fenda no espaço sólido da angústia; ou quando o insulto atinge alguém no seu ser, independentemente da significação do que ouve. E sabemos como o neofascismo atual é capaz de operar com esse tipo de brutalidade, que nos atinge por fechar o espaço de estranheza que nos impede do mais básico, duvidar,

refletir, repensar. Vemos fenômenos de mesma ordem em nomeações mais prosaicas, quando vemos tantos vivendo como se comessem proteína, não mais carne, peixes, ovos.

Esses e tantos outros fatos discursivos explodem em nossos dias revelando como se oblitera o espaço da linguagem em que ela é balbúcio, em que ela encanta, ri e que guarda os poderes do espanto e do milagre.

É grande a ambição, essa de sermos capazes de escutar e de intervir em um espaço sem forma, entre o corpo e a linguagem. Mas é uma dimensão de trabalho necessária com que teremos de aprender a lidar. Não porque queremos ser poetas, ou por algum tipo de progresso técnico, e mais como resposta a uma verdadeira regressão, em muitos aspectos, da vida coletiva.

Interpretar nessa dimensão poderia ser fazer vibrar a singularidade de alguns desses detritos-letra, não apenas um deles, uma vez que sendo múltiplos não há como supor, ali, o núcleo singular do gozo. La língua supõe uma abordagem do real em uma multiplicidade que requer montagem para se apresentar na língua de cada um, como parecem trazer os nomes de gozo dos testemunhos de passe.

Façamos a aposta que o imenso baú que abriremos, de distintas interpretações do que o Outro escreveu em nós, terá algumas chaves para abordar o derretimento generalizado dos laços que promove o neoliberalismo de hoje, assim como para o reacionarismo paranoico dos fascismos vigentes, a que esta nova forma do velho *capitalismo* nos tem levado.

¹ “Digo isso em nome dos bons velhos tempos de uma sala de plantonistas que, perdida nisso tudo, admite que sua reputação de zona [*foutoir*] decorria apenas das canções ali esganiçadas. Ficção e canto da fala e da linguagem, se eles tivessem podido, rapazes e moças, permitir-se (...) dar os duzentos passos que levavam ao lugar onde falei durante dez anos. Mas nem um só os deu dentre aqueles a quem fui proibido.” (Lacan, J., O “Aturdito”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 461 [462].

² Lacan, J. *O Seminário livro 18*, Rio de Janeiro, JZE, 2009, p. 56.

³ “No hay nada como la referencia a lo primitivo para primitivizar el pensamiento, ya que es él mismo quien regresa regularmente a la medida de eso que pretende descubrir como primitivo” (Lacan, J. *O Seminário livro 18*, Rio de Janeiro, JZE (S18-17/2/71).

⁴ Vejamos esta definição de Lacan: “A língua, que escrevo numa palavra. La língua, porque significa lalala, lalação, pois é um fato que muito cedo o ser humano faz lalações, assim, basta ver um bebê, ouvi-lo, e que pouco a pouco surge uma pessoa, a mãe - que é exatamente a mesma coisa que lalíngua, só que é alguém encarnado -, que lhe transmite lalíngua... e me parece difícil não ver que a prática analítica passa por isso, pois tudo o que se pede à pessoa que vem se confiar a nós não é nada a não ser falar”. Nada é simples com relação à lalíngua. Segundo essa passagem, a mãe transmite sua lalíngua à criança que, sem ela, apenas balbúcia, lala. Neste sentido, não apenas não há língua primitiva como não há um embalar natural da voz antes da linguagem. Lacan, J. « Conferência no Centro Cultural Francês em 30 de março de 1974 », publicada em *Lacan in Italia 1953-1978.*, Milão, *La Salamandra*, 1978, pp. 104-147.

⁵ Miller, J. A. *Le tout derner Lacan (curso da Orientação Lacaniana, 2006-2007)*, inédito, aula de 7/3/07, Laurent E. *O avesso da biopolítica*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2016, pp. 99 e seguintes, referidos por Milner, J. C. “Back and Forth from letter to homophony”, *Society for Theoretical Psychoanalysis, Problemi International*, vol. 1 no. 1, 2017 (disponível em https://problemi.si/issues/p2017-1/04problemi_international_2017_1_milner.pdf),

⁶ “Poor Knight! he really had two periods, the first – a dull man writing broken English, the second – a broken man writing dull English” (Nabokov, V. *The real life of Sebastian Knith*, London, Penguin Books, 1964, p. 6).

⁷ Miller, J. A. “A palavra que fere”, *Opção lacaniana*, 56/57, São Paulo, EBP, 2010.

⁸ Abaurre, M. B. *et ali*, *Cenas de aquisição da escrita*, Campinas, Mercado das Letras, 1997.

⁹ “Eu, considerando-se com quem falo, tive que tirar dessas cabeças o que elas acreditam trazer do tempo da escola, sem dúvida dita maternal, pelo que ela tem de desmaternalização: ou seja, aprende-se a ler alfabestificando-se. Como se a criança, ao saber ler num desenho que se trata da girafa [*girafe*], e noutro, que é macaca [*guenon*] que ela deve dizer, não aprendesse apenas que o G com que as duas se escrevem não tem nada a ver com o ser lido, já que não corresponde a elas (Lacan, J., *Outros Escritos*, p. 504

¹⁰ Se alguém sabia da linguagem que desce como uma nuvem, como a chuva da planície siberiana de Lacan e não como traço, impressão, marca, por um agente do trauma, esse alguém foi Paulo Freire.

¹¹ Cf. Miller, J. A. *Piezas avulsas*, lição VI, Buenos Aires, Paidós, 2013, pp.79 e seguintes.

¹² “Só o que sei é que o nó é uma nova forma de escrita” (Miller, J. A. “Nota passo a passo”, in: Lacan, J. *O Seminário*, livro 23, Rio de Janeiro JZE, 2007, p. 213).

¹³ Por isso, falamos em abertura à contingência ao final da análise. Dizer, porém, apenas que a marca que nos define é aleatória, apesar de esvaziar em parte o Outro, só o deixa “no anonimato”, mantém sua dimensão no ar. O Outro de lalíngua é participante, mas não como agente (do trauma por exemplo).

¹⁴ De fato, para que se entenda alguma coisa é preciso não pensar em cada letra, uma por uma, mas apenas no sentido que elas, articuladas, transportam. É o que enuncia Lacan na abertura de *Lituraterra* com Joyce, a *letter*, a *litter*.

¹⁵ Para escrita como “acomodação de restos” (Lacan, *op. cit.* p. 16), assim como Miller, J-A. *Curso de Orientação Lacaniana, O Ser e o Um*. Lição de 23 de março de 2011. Inédito.

¹⁶ Lacan, J. “Conferência em Genebra sobre o sintoma”, *Opção Lacaniana*, n° 23. São Paulo, Eolia, 1998.

¹⁷ Vejam o que afirma Lacan neste sentido: (...) “Se eu disse que não há metalinguagem foi para dizer que a linguagem não existe. Só há múltiplos suportes da linguagem que se denominam lalíngua e o que seria necessário é que a análise consiga, por meio de uma suposição, desfazer pela fala [*parole*] o que foi feito pela fala” (Lacan, J., *O Seminário*, livro 25 (*O momento de concluir*), 1977-78, lição de 15/11/77 (inédito).